



Espaços urbanos e suas contradições

"No rancho fundo
Bem pra lá do fim do mundo
Onde a dor e a saudade
Contam coisas da cidade."

Compositores: Lamartine Babo e Ary Evangelista Barroso.

Abordar sobre os 'espaços urbanos e suas contradições' merece a compreensão de como os espaços urbanos vão sendo construídos na base das contradições, mas de quais contradições poderíamos estar nos referindo? Esta epígrafe da canção "No Rancho Fundo", cantada por Chitãozinho e Xororó, nos remete à compreensão de que os espaços urbanos, inclusive das grandes metrópoles, são construídos através da dor e da saudade dos nordestinos, que vivenciam, paulatinamente, a prática do êxodo rural, ou seja, os espaços urbanos emergem da força do trabalho dos seres humanos, que deixam os seus territórios, inclusive dos pequenos centros urbanos do interior, com a ilusão de que vida boa é na cidade grande, que na cidade tem trabalho para todos e qualidade de vida, só que não!

Uma outra canção que nos remete à compreensão dos espaços urbanos e suas contradições é "Cidadão", cantada por Zé Ramalho, então o 'edifício', o qual quem construiu obviamente não vai morar nele. Assim como o 'colégio', que a filha deseja estudar, mas 'criança de pé no chão, aqui não pode estudar'. Eis o direito à educação negado. Somente a igreja é o espaço urbano, que na canção, o cidadão pode entrar. Os espaços não são democráticos e nem inclusivos, as nomenclaturas separam, centro/periferia, interior/capital, os valores estão postos, assim como as condições socioeconômicas também.

Dessa forma, entendemos que as adversidades nas metrópoles são inerentes aos processos contraditórios que excluem os sujeitos de seus campos para a cidade, bem como de sua própria cidade, a dubiedade posta. Neste sentido, fazemos jus ainda a canção do cidadão, a qual afirma:

"Essa dor doeu mais forte
Por que é que eu deixei o norte?
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer."
Compositor: Lucio Cardoso.

Por conseguinte, o suor do trabalho do nordestino no espaço urbano não é por ele usufruído. Ao contrário do cidadão que vive no campo, o que é plantado é colhido e



comido por ele. O direito à alimentação garantido está. É importante ressaltar que as belezas dos espaços urbanos e dos pontos turísticos, sobretudo, das capitais brasileiras de modo particular e do mundo de modo geral são espaços usufruídos pela classe média e a elite. Ou seja, os espaços urbanos em suas contradições são excludentes. Como democratizar os espaços urbanos? Para que todos os cidadãos possam usufruir dos direitos humanos básicos, fundamentais e inalienáveis, como a saúde, o lazer, a educação e a segurança, por exemplo. Não temos uma resposta exata para darmos, mas podemos mobilizar a reflexão sobre a necessidade de democratização dos espaços urbanos para que os cidadãos possam vivenciar a liberdade de ir e vir.

Os espaços urbanos são complexos, daí as contradições. A ocupação dos espaços urbanos, muitas vezes, é desordenada, causando, assim, o soterramento dos mangues e das lagoas, ocasionando afundamentos na cidade, até o seu desaparecimento. As construções megalópoles são em si contraditórias por, inclusive, expulsarem os moradores de seus territórios. O filme “Narradores de Javé”, dirigido por Eliane Caffé, representa bem a contradição de um empreendimento em detrimento da cultura, da identidade e da memória de um povo, do seu pertencimento ao lugar.

Pois bem, são muitas as contradições dos espaços urbanos que podemos identificar por meio de canções, filmes e documentários. A título de documentário, temos o "Documentário sobre afundamento do solo", produzido pelo argentino Carlos Pronzato, que vive no Brasil desde os anos 90. O documentário conta a história de famílias que perderam os seus imóveis por causa das rachaduras causadas pela extração de sal-gema (G1, 2024). Em especial, neste documentário, vemos a contradição do quanto que a Braskem causou danos à cidade de Maceió em nome do desenvolvimento. Mas desenvolvimento para quem? Para os moradores que perderam suas casas, certamente é que não!

Diante desta realidade, os espaços urbanos são por natureza contraditórios. Sendo assim, assinalamos que o conjunto de coisas ditas e escritas que compõem o atual volume servem para realizarmos o aprofundamento epistêmico nos desdobramentos enunciativos que constituem a escansão do discurso sobre espaços urbanos e suas contradições.

Convidamos você, leitor(a), para adentrar nas temáticas que permeiam a compreensão de como as contradições nos espaços urbanos vão sendo construídas.

Verão de 2024.
Maria Aparecida Vieira de Melo.